

Brasil



ANO BISSEXTO
2024 vai ter menos feriado prolongado

Apenas mais duas datas nacionais devem ser emendadas. Veja o calendário



Cerco fechado. Agentes da Polícia Civil participam de operação da Secretaria da Segurança Pública e do Ministério Público da Bahia, que investigam grupo de extermínio envolvendo policiais

CRIME INFILTRADO

MP investiga 67 policiais de 16 cidades baianas por envolvimento com milícias

RAFAEL SOARES
colunista de política

No início da noite de 7 de abril de 2021, uma caminhonete Amarok preta empalhou com uma moto num sinal de trânsito de Paulo Afonso, cidade do sertão baiano a 469 km de Salvador. Um dos ocupantes desembarcou com uma pistola em punho, rendeu o motociclista Alex Cirino, saltou na grua e passou a indicar o trajeto que ele deveria tomar. Minutos depois, outros três ocupantes da Amarok desembarcaram e ajudaram a colocar o motociclista, à força, dentro do veículo — que logo arrancou e se perdeu na escuridão. Desde então, Alex Cirino nunca mais foi visto.

Para o Ministério Público da Bahia, o motociclista foi sequestrado e morto por uma milícia formada por PMs do batalhão da cidade. Ele era a principal testemunha de acusação de um processo contra a quadrilha: duas semanas depois do ataque, ele prestaria um depoimento à Justiça em que acusaria os agentes pelo homicídio de um amigo. Atualmente, um capitão e um soldado respondem pelo assassinato e pela ocultação de cadáver do motociclista. Outros 14 policiais do batalhão da cidade respondem por crimes relacionados à atuação da milícia.

DE NORTE A SUL

O caso de Paulo Afonso não é exceção na Bahia. Um levantamento feito pelo GLOBO com base em dados disponibilizados pelo Grupo Especial de Combate às Organizações Criminosas (Gecoc) do MPBA revela que, em pouco mais de três anos, 67 policiais foram alvos de operações por integrar milícias ou grupos de extermínio. Segundo as investigações do MPBA, as quadrilhas de agentes de segurança estão espalhadas por 16 cidades do Nordeste Sul, do interior à Regi-



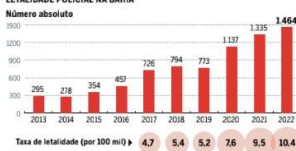
Feira de Santana. Policiais examinam os itens apreendidos durante operação



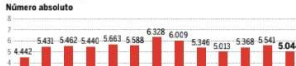
Busca e apreensão. Material recolhido tinha armas, munição e carregadores

OS NÚMEROS DA VIOLÊNCIA NO ESTADO

LETALIDADE POLICIAL NA BAHIA



Taxa de letalidade (por 100 mil)



HOMICÍDIO DE DOLOSO



Taxa (por 100 mil)



AS 16 CIDADES BAIANAS EM QUE A POLÍCIA ATUA



ão Metropolitana de Salvador — e dominam desde grandes municípios, como Feira de Santana, a pequenos povoados em áreas rurais.

O número de agentes acusados de integrar milícias explodiu em 2023: sete operações diferentes tiveram 25 policiais

como alvo no ano — a quantidade é maior do que a soma dos dois anos anteriores. O aumento coincide com a escalada de mortes em operações da polícia baiana nos últimos anos. De 2019 a 2022, homicídios decorrentes de ações policiais passaram de 773 para

1.464, segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. No caso de Paulo Afonso, a investigação revelou que homicídios cometidos em operações do batalhão local eram, na verdade, ações de extermínio da milícia. Um

da região. No entanto, o laudo de necropsia revelou que a vítima foi atingida na palma de uma das mãos, "o que sugere que a vítima estava em posição de defesa e não de ataque", segundo o MP.

— Existe, no Brasil, um processo de autolimpeza das forças de segurança. Os governantes não querem controlar as polícias, à esquerda ou à direita — afirma Renato Sérgio de Lima, presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

No último dia 7, o Gecoc e a Polícia Federal fizeram uma operação contra uma das milícias mais antigas do estado, que atua há quase duas décadas em Feira de Santana. Segundo a investigação, o chefe do grupo é o deputado estadual Kleber Cristian de Almeida, o Binho Galinha. Três PMs foram presos, acusados de serem o braço armado do político. A quebra de sigilo de um dos agentes — o sargento Roque de Jesus Carvalho — revelou como atua o grupo: numa troca de mensagens, homem que se identifica como Binho Galinha ameaça de morte um comerciante que se recusa a pagar uma taxa de R\$ 500 para a milícia: "O grupo de extermínio daqui de Feira de Santana é meu. Se você não quiser morrer, tem até seis horas pra fazer um Pix". Na agenda do celular de Binho Galinha, a PF contabilizou contatos de mais de 120 policiais civis e militares.

EMPRESAS DE FACHADA

No interior da Bahia, milícias de policiais chegam a aterrorizar várias cidades. Em agosto, a Justiça determinou que quatro PMs e um policial civil fossem afastados por integrarem uma quadrilha suspeita de mais de uma dezena de homicídios nos municípios de Santaluz, Valente e Canasvieiras. "O cometimento de crimes se tornou algo naturalizado no desenvolvimento das atividades policiais, como meio de obtenção de vantagens próprias", escreveram três juízes da Vara de Canasvieiras.

Outras investigações mostram que empresas de segurança são usadas como fachada para a ação de milícias de policiais no estado. Em Piauí, cidade de 20 mil habitantes, o grupo paramilitar local passou a assaltar comerciantes para forçá-los a contratar os serviços de segurança particular da empresa do chefe da milícia, um sargento da PM. Quem não paga ao grupo, tem seu comércio roubado. Já em Santa Maria da Vitória, um investigador da Polícia Civil é réu sob a acusação de formar uma milícia com funcionários de sua firma de vigilância. Segundo a investigação, em junho de 2022, o investigador Marcelo Gonçalves Danitas e seus capangas passaram a ameaçar moradores de uma comunidade tradicional: se eles não deixassem a região, "tudo seria incendiado". Um mês depois, mais de dez homens armados e com rostos cobertos com toucas entraram na região dando tiros para o alto e atearam fogo nas casas, onde havia até idosos.

Questionada sobre os números de policiais presos por ligações com milícias, a Secretaria de Segurança da Bahia destacou que o órgão criado pelo governo para investigar policiais realizou, em 2023, 19 operações, em que 108 pessoas foram alvos de mandados de prisão ou de busca e apreensão.